

5ª Parte

Transcrições

Caminha Revisitado

*As reservas de um autor sem reservas, a obra resumida, controversa e sua real contribuição à literatura brasileira, segundo biografia do professor Sânzio de Azevedo**

*Floriano Martins***

Uns poucos livros foram publicados até o momento especificamente destinados ao estudo da obra de Adolfo Caminha. Assinados por Lúcia Miguel-Pereira e Sabóia Ribeiro, foram todos publicados no Rio de Janeiro, há mais de duas décadas. Nenhum deles possuía o caráter biográfico do qual se ocupa este livro de Sânzio de Azevedo. A bibliografia avulsa sobre Adolfo Caminha é bastante reduzida, ao mesmo tempo em que repleta de equívocos. Embora Sânzio já tenha a ele dedicado ensaios anteriores, é fato ser o presente livro o mais fundamental documento para uma compreensão da obra do autor de *A Normalista*.

Tendo vivido apenas 30 anos, o cearense Adolfo Caminha (1867-1897) nos legou uma obra tanto resumida quanto controversa. Iniciado na poesia, não deixou ali nada de que devamos nos orgulhar. Crítico literário de critérios extremamente subjetivos, registrou-se em tal gênero mais polêmica e evasiva do que propriamente substância crítica. Sua própria natureza, oscilante entre a lucidez republicana e o moralismo provinciano, interferiu desastrosamente na leitura de sua obra pela posteridade. Junto a seus contemporâneos a interferência viria também da temática abordada por um de seus romances e leviandade constante de seu caráter.

Concentra-se no romance seu real contributo à literatura brasileira. Embora autor vinculado ao realismo-naturalismo - como atestam *A Normalista* e *Bom-Crioulo* -, tanto a publicação póstuma de *Tentação* (1897) quanto comentários esparsos de seus contempo-

* AZEVEDO, Sânzio de. *Adolfo Caminha: vida e obra*. Fortaleza: Ed. UFC, 1997. 198 p.

** Floriano Martins é poeta, ensaísta e crítico literário.

rãneos nos animam a pensar que seu amadurecimento decerto o levaria a uma postura estética além de seu tempo. Viveu o crepúsculo de uma sociedade, arraigada já em seus decadentes valores imperiais. Tão arraigada que não percebeu o exacerbado moralismo de Adolfo ao tratar de uma ambientação homossexual em *Bom-Crioulo*. Aliás diga-se que até hoje a temática deste romance falou mais alto que seu próprio tratamento.

Na última década do século, em um momento de retorno a Fortaleza - residira parte substancial de sua breve vida no Rio -, ao juntar-se a um grupo de intelectuais na formação da Padaria Espiritual, somou novas contradições tão comuns à sua personalidade. Disse posteriormente Leonardo Mota que a ele "faltava qualquer espírito camaradesco", o que pode concluir por uma falha tática de Adolfo, a de agremiar-se. É fato que tanto sua leviandade ferina quanto as aspirações corporativistas da Padaria Espiritual contribuíram para o desenlace futuro.

Enquanto crítico provocou celeumas localizadas. Tanto foram equívocas suas observações acerca de Cruz e Souza, quanto desnecessárias as sessões de desagravo a Antônio Sales. Reportou-se a um "subjetivismo lamuriento da velha poesia brasileira", nem de longe imaginando que um século depois ainda estivéssemos à deriva em idêntica fruição. Apesar de sua defesa abolicionista e do marco na literatura brasileira que é a presença de um protagonista negro em um romance, foi um moralista incorrigível ao tratar das relações afetivas em seus livros.

Entre as curiosidades de ressonância é interessante citar as abordagens sempre preconceituosas levadas a termo por críticos como José Veríssimo, Valdemar Cavalcanti e Wilson Martins. Em 1982 uma casa editorial nos Estados Unidos, Gay Sunshine Press, publicou a tradução inglesa de *Bom-Crioulo*. Posteriormente seria levada a termo uma adaptação teatral somando passagens da vida e da obra do autor de *A Normalista*. Condenava-se o realismo-naturalismo pela maneira crua e minuciosa como as cenas eram descritas. Recrimina-se em Adolfo que tenha escolhido a escória social para o exercício de suas minúcias.

Com tudo isto, *A Normalista* – ao lado de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, considerados ambos de importância crucial à época - aca-

bou não contando com uma leitura pública tão disputada quanto *Bom-Crioulo* – muito embora ali estivesse presente uma crítica muito mais lúcida e abrangente do provincianismo da sociedade brasileira. Nos dias de hoje também buscamos uma intrínseca relação entre autor e obra, no débil sentido de uma sujeição do primeiro na lida com seu imaginário. O autor é a obra. A obra jamais será o autor. Adolfo Caminha chama-se tanto *A Normalista* quanto *Bom-Crioulo*.

Retomando o livro de Sânzio, uma menção à lucidez de sua buscada historiografia de uma época. O livro permite todas as consultas. Vai às minúcias do que aqui tratamos. De forma clara expõe méritos e falhas da obra e da pessoa de Caminha. Não é um livro que se esgote em si. Ao contrário, trata-se de um convite à rediscussão de aspectos da literatura cearense tidos até hoje como consolidados.